

Teatro / Cinema
7, 8, 9 Setembro 2011

Your brother. Remember?

O teu irmão. Lembras-te?

Um espectáculo de Zachary Oberzan

Flooding with Love for the Kid

A transbordar de amor pelo miúdo

Um filme de Zachary Oberzan

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Your brother. Remember?

Zachary e o irmão Gator adoravam fazer paródias dos seus filmes preferidos. Vinte anos depois, afastado da família, Zack regressou à casa da infância para recriar esses vídeos plano por plano. Com Van Damme do seu lado, os irmãos saltam para o ringue uma última vez em busca da redenção.

Concepção, encenação, montagem e interpretação Zachary Oberzan

Com a presença em vídeo de Gator Oberzan Textos Zachary e Gator Oberzan

Desenho de luz Thomas Barcal Assistência de encenação e produção da digressão Nicole Schuchardt

Co-produção Kunstenfestivaldesarts 2010, Festival Noorderzon de Artes Performativas, Grand Theater Groningen e brut Wien

Teatro Qua 7, Qui 8, Sex 9 de Setembro

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h · M12

Espectáculo em inglês, com legendas em português



Flooding with Love for the Kid

Rodada por 96 dólares num TO em Manhattan, esta é uma adaptação meticulosa do romance *First Blood* de David Morrell, que apresentou ao mundo um miúdo chamado Rambo. Adaptada, realizada, interpretada e montada por Zachary Oberzan, é uma guerra cinematográfica de um só homem.

Argumento adaptado, fotografia, som, montagem, interpretação e produção Zachary Oberzan
Estados Unidos, 2009, Betacam Sp

Cinema Sex 9 de Setembro

18h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h47 · M12

Filme em inglês, com legendas em português

Entrada gratuita Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Nota do Encenador e uma Carta de Gator Oberzan

Pedi ao meu irmão Gator que escrevesse sobre a experiência de fazer a peça, e sabia que acabaria por ser tão informativo quanto qualquer coisa que eu pudesse congeminar. Apropriadamente, ele estava a tentar com todas as forças largar a metadona na semana em que escreveu isto. Acho que lhe deu algo em que se concentrar, o que é muito útil nessas circunstâncias. Enviou-me uma carta de quatro páginas escrita à mão. Reproduzo-a de seguida tal e qual:

I. Uma das muitas versões das nossas vidas no que ao cinema diz respeito

Então é assim. Os meus pais divorciaram-se. O meu irmão e eu reagimos de maneiras diferentes. Eu tornei-me Rebelde ele tornou-se introvertido. De facto parece-me que éramos assim ainda antes do divórcio. Mas seja como for discutíamos muito. Às vezes tornava-se violento. Envergonho-me disso. De qualquer modo a minha revolta levou-me por um certo caminho.

O meu irmão introvertido, por outro lado, parecia ter desenvolvido uma rotina que o mantinha a dormir durante a maior parte do Dia, mas durante o resto do dia Ele passava a aprender Guitarra e como cantar. Depois as noites passava-as no Duncan Donuts da terra a cantarolar para os Bébados. Ele tem tenacidade e quando não tem, tenho eu por ele porque ele pegou naquela voz e pegou naquela Guitarra e conseguiu alcançar muito mais com aptidões

que aprendeu sozinho do que alguém alguma vez julgaria possível

Até esta altura o meu irmão e eu tínhamos uma experiência que nos encaixava como peças de um puzzle. Quando entrou no liceu, interessou-se por filmar, na Altura em que uma câmara de vídeo tinha o tamanho de uma mala e levava uma cassete VHS. Eu estava a acabar o liceu mas ao mesmo tempo estava actualmente a recuperar de um acidente de carro e estava muito interessado no que o Zack andava a fazer. Adorava fazer de conta que era outras pessoas. Tinha feito muito disso até então.

Quanto ao encaixarmos como peças de um puzzle, o sentido de humor dele era igual ao meu se para ele tinha graça para mim também tinha. Se para ele o filme era mau era um mau filme para mim Ele conseguia perceber quando a representação era falsa ou forçada numa cena e que talvez o realizador devia ter filmado a cena de uma maneira em vez filmou doutra maneira. Claro que podia haver algumas diferenças mas tão pouco que chegávamos a acordo em segundos. Portanto adorávamos ficar sentados a ver filmes Sempre a fazer listas na cabeça do que é que podia ter sido melhor. Mas havia coisas que achávamos que eram óptimas como quando o Jean Claude Va Damme se dá conta no “kickbox” que tem de lutar “À maneira antiga” aqueles olhos intensos e no entanto perplexos. meu deus que cena. De qualquer modo decidimos criar as nossas versões de alguns dos nossos Preferidos. O primeiro da lista era claro “Kickboxer” protagonizado pelo JCVD o outro “Rostos da Morte” Um filme que achávamos podia fazer justiça e ajudar

o Dr. Francis S. Gross a Justificar o seu percurso de Ousadas aventuras pelo mundo dos rostos da Morte

II. PANquecas Bifes Hambúrgueres & Batatas Fritas

Esse foi o melhor período que alguma vez tive com o meu irmão mas tinha passado muito tempo. A vida estava a correr tão bem ao Zack em Nova Iorque que eu tentei manter-me à tona treinando pessoalmente clientes particulares estava a encontrar um caminho a amadurecer suponho. O suficiente para me sentir feliz pelo meu irmão e o que ele estava a fazer e que grande trabalho como actor em Nova Iorque dizia eu a toda a gente. Eu dizia-lhe o mesmo se ele ligasse para casa deprimido eu podia-lhe explicar que ele pode aprender a controlar a sua depressão, a pô-la de parte como se não fosse real. Estás a andar para a frente lembra-te disso. Eu só precisava de ultrapassar a sua situação actual. Quando apareceu outra coisa, encontrei as respostas certas que ele precisava para assegurar o seu impulso para diante.

De qualquer modo o Zack liga-me um dia e quer saber se eu o ajudo num projecto em que Ele está a pensar claro que sim. Eu Adorei tudo aquilo há 20 anos. Então qual é o projecto. Ele diz AH vai ser um remake de tudo o que fizemos há 20 anos.

Então ele explicou-me eu fiquei Entusiasmado mas à parte a diversão que seria fazer outro filme, estava tão Entusiasmado por ver o meu irmão de novo Tinha passado algum tempo desde que tínhamos estado juntos quanto mais fazer a mesma coisa que eu sentia que

nos tinha juntado no início Portanto ele veio e começámos logo a trabalhar. Ele fazia questão que nós (sempre que possível) usássemos as mesmas roupas que tínhamos usado quando fizemos o original. Foi Bastante aborrecido por vezes caber em roupas de há 20 anos atrás quando eu tinha ganho mais de 45 kg entretanto. E ele era inflexível quanto a mantermos os Diálogos do vídeo com 20 anos portanto aquilo que antes era Diálogo improvisado tinha-se tornado o Guião das recriações.

Senti que o filme acordou mais emoções em mim, porque era uma espécie de exibição do que tinha sido a minha vida durante os últimos 20 e tal anos portanto escolhemos quais os momentos gloriosos a sublinhar Eu queria fazer isso numa espécie de reconstituição com canções que eu escrevi e o Zack Afinou para podermos aproveitar as soberbas capacidades musicais do Zack. Acho que resumimos a minha vida com um par de overdoses uma visita à cadeia e rressacar durante a rodagem. Eu só sei que depois de Fazer isto e aprender mais com

Retrato do artista enquanto herói de acção

Excertos de duas entrevistas com Zachary Oberzan

Posters

Muitos rapazes americanos, ou na verdade rapazes em qualquer lugar, tinham ao crescer posters do Stallone, do Jean-Claude ou do Bruce Lee pendurados na parede – homens que simbolizavam poder e força e controlo. E acho que é uma coisa que muitos rapazes admiram e a que tentam fazer justiça. Assim quanto a fazer projectos que envolvem heróis de acção é só uma coisa que vem da minha infância. Para além disso, venho duma família muito atlética, cresci num ambiente que era muito sobre a fisicalidade e o desenvolvimento do corpo.

(...) pode-se dizer que eu não distingo entre quem é da minha família pessoal e gente que nunca conheci. Homens que foram influências na minha vida, tão diversos como Jean-Claude Van Damme ou Leonard Cohen – são pessoas de que gosto tanto, de uma forma bizarra, como dos meus próprios familiares. Estão comigo há tanto tempo uns como outros.

Isolamento

Sempre fui uma pessoa muito isolada. É incrível que eu tivesse saído do meu quarto quando era criança – levou vários anos. Mas claro, quando ultrapassei isso comecei a aprender muito com os outros, comecei a desenvolver a minha arte. Mas com *Flooding with Love for the Kid* [filme de Zachary Oberzan

que adapta *First Blood*, romance de David Morell] baseei-me numa premissa muito simples – Rambo tinha de fazer esta guerra sozinho. Ele era uma figura muito solitária. E isso é algo com que eu me posso mesmo identificar, e acho que muitas outras pessoas também. Portanto no lançamento do projecto pensei em usar outras pessoas, talvez pelo menos para fazerem alguma operação de câmara, para me ajudarem a pôr algumas cicatrizes nas costas. Mas depois percebi que a forma total do projecto não é tanto sobre mim a contar a história de *First Blood*, que para mim pessoalmente tem imenso significado, mas o objectivo era muito maior do que um tipo que por acaso gosta bastante deste livro específico. O objectivo da peça é descobrir: o que é que um artista pode fazer completamente sozinho se tiver a paixão para isso?

Como

Costumava achar que 50% de qualquer história é a maneira como é contada, mas agora acredito que 95% da história é a maneira como é contada. As histórias e as personagens repetem-se. Portanto interessa-me, ao trabalhar com uma narrativa, descobrir como é que posso virar de lado essa narrativa. Como é que se pode virá-la num ângulo tal que vai refrescar a história?

(...) com *Rambo Solo* [espectáculo do Nature Theater of Oklahoma, onde Zachary conta a história de *First Blood*], o encenador, Pavol Liska, nunca tinha visto *First Blood*, nunca tinha lido o livro, está-se realmente nas tintas para ele. O que lhe interessava era o contar da história, e alguém que estava muito fascinado por uma história e podia contar

uma boa história. Se a minha paixão particular tivesse sido *The Turn of the Screw* ou assim, então teria sido *Turn of the Screw Solo*. (...)

A nossa tentativa com *Rambo Solo*, e a minha tentativa com *Flooding*, é tornar essa paixão contagiante. A história, como todas as histórias, é simplesmente intercambiável. Adoro comover as pessoas. Se *Flooding* inspirar as pessoas de todo o mundo a fazerem filmes nos seus apartamentos sou completamente a favor.

Postal

David Morrell adorou a ideia. Inicialmente assustava-me apresentá-lo o projecto por razões de direitos de autor, mas ele é um homem muito generoso que ficou de facto lisonjeado por eu fazer um filme a partir do livro dele no meu apartamento. Ele foi muito presrável e apoiou sempre o projecto. Acho que o Stallone não ouviu falar disto e não tenho ideia de qual seria a sua reacção. Espero que fosse positiva. Mas critico-o um bocado na peça de teatro [*Rambo Solo*]. O Jean-Claude, que está no meu novo projecto, a julgar especialmente pelo que vi dele recentemente no filme *JCVD*, acho que acolheria bem a peça, este meu envio de um postal de S. Valentim.

(...) todos os meus projectos são na realidade feitos por amor. Não há outra razão. Seria realmente mais fácil para mim ter paixões que pertencessem mais à alta cultura, mas o facto é que as minhas paixões são coisas que as pessoas vêem como baixa cultura. Mas eu não faço essas distinções. (...) daqui a mil anos, *Kickboxer* vai ser o novo *Rei Lear*. (...) E merece sê-lo.

© Zachary Oberzan



Remake

Tendo feito uma grande produção de Hollywood, *Flooding with Love for the Kid* (embora no meu apartamento por 96 dólares, mas uma grande produção de Hollywood ainda assim), achei que se agora sou uma estrela de Hollywood devia fazer o que Hollywood faz, que é refazer os seus próprios filmes a cada 20 anos. Mas também me fascinam muito as fotos antes-e-depois. Para mim são como máquinas do tempo. Queria pegar no conceito da foto antes-e-depois e levá-lo a dar o passo lógico seguinte, o filme antes-e-depois. Portanto embora Hollywood refaça os seus filmes actualizando os actores e a música e os *décor*s e os penteados e a percentagem de gordura corporal, eu queria usar o máximo possível das variáveis originais, para ver como tinham ou não mudado. Era o

envelhecimento de 20 anos nas caras, nos corpos, nos movimentos, nas vozes, nos cenários, nos adereços – isso é que me interessava realmente.

Aprender a viver

Já a decisão de regressar à casa da minha infância e trabalhar com o meu irmão foi abrir uma caixa de Pandora. A nossa vida familiar não tinha sido muito agradável. A nossa relação em crianças não tinha sido muito agradável. De facto, não tínhamos propriamente uma relação. Esta era feita essencialmente de animosidade, mal-entendidos e violência. O único oásis em todo aquele caos era o nosso amor pelo cinema. Esse era o nosso ponto de encontro. E foi através deste projecto que redescobrimos esse ponto de encontro, e começámos a formar uma autêntica relação familiar, pela primeira vez nas nossas vidas. Portanto o projecto teve um objectivo muito concreto.

(...) O tipo de trabalho que me interessa ver ou criar tem de me ensinar algo sobre como viver a minha vida. Ou ser entretenimento absolutamente desmiolado. Ou de preferência as duas coisas. Portanto vou directo ao assunto e lido com material de base que tem para mim uma relevância imediata, os aspectos da vida com que me estou a tentar reconciliar. E tento lidar com estes problemas e apresentá-los de forma algo alegórica, para partilhar estas questões com o público. Portanto para mim há definitivamente uma ligação. Filtrar a vida através de um contexto ficcional ensina-me de facto mais sobre a realidade. Os meus projectos recentes, *Rambo Solo*, *Flooding with Love for the Kid* e *Your brother. Remember?* entrela-

çam todos ficção e realidade, passado e presente, e ao fazê-lo, ajudam a iluminar o futuro em direcção ao qual cambaleio cegamente.

Heróis

As personagens que nos atraem são personagens com que nos relacionamos, que queremos ver em nós, e onde nos queremos ver. Portanto não é preciso um doutoramento em psicologia para perceber porque é que eu, e mil milhões de outros rapazes de dez anos, fomos atraídos pelo Rambo. Claro que, ao ler o livro, me atraiu também o Teasle, mas isso tem a ver com questões pai/filho, e fica para outra entrevista. De qualquer modo, desde a origem até ao fim dos tempos os humanos vão sempre fazer isto. E também o fazemos enquanto adultos. As duas pessoas mais influentes na minha vida são o Rambo e o Leonard Cohen. Descobri o Leonard um pouco mais tarde, quando o meu intelecto estava um pouco mais apurado. Mas deixa-me sublinhar, não muito mais apurado.

Sinceramente insincero

No liceu e na faculdade costumava orgulhar-me, enquanto actor, de que as minhas actuações eram “reais” ou “sinceras”. Mas depois temos de definir o que é “sincero”. E depois temos de definir qual é a validade da sinceridade. Há muitos actores que são “sinceros”, quer dizer, que acreditam no que estão a fazer e a dizer, porque receberam reforço positivo ao fazê-lo, mas não me comovem. E há muitos actores, que seriam considerados “maus” actores, que esses sim me comovem, porque estão a ser sinceros como seres humanos, mas não como personagens.

Preferia ver um ser humano sincero do que um actor que acredita que está a ser sincero. Isto obviamente traz-te imensos problemas com uma série de pessoas e críticos, especialmente do *New York Times*, que acreditam que ser bom actor é uma coisa só. Quando actuo tento ser um ser humano sincero. Mas às vezes a minha noção sincera é: “O que é ser insincero?” Portanto se às vezes estou sinceramente a ser insincero o que é que isso quer dizer?

Teatro e cinema

Os desafios específicos de cada meio [teatro e cinema] são na verdade apenas de superfície, têm a ver com a tecnologia e as pessoas de que podes ter de depender para levar a cabo o projecto. Essas coisas mudam entre teatro e cinema. Por exemplo, se estiver só a lidar com teatro, não tenho de me preocupar com *codecs* de compressão, que me baralham. E daí, as minhas peças de teatro têm todas vídeo, portanto tenho de me preocupar com isso na mesma. Mas de qualquer forma é isso que eu quero dizer com desafios de superfície. O desafio verdadeiro, no entanto, que é comum aos dois, é como raio é que eu vou tornar a vida mais vivível?

As entrevistas completas, realizadas por Lauren Wissot, podem ser encontradas aqui:

<http://www.slantmagazine.com/house/2009/06/portrait-of-an-artist-as-rambo-a-conversation-with-zack-oberzan-about-flooding-with-love-for-the-kid>

<http://www.filmmakermagazine.com/news/2011/01/your-brother-remember-director-zachary-oberzan>

Zachary Oberzan

Zachary Oberzan é um dos elementos originais do grupo de teatro nova-iorquino Nature Theater of Oklahoma. Com o Nature Theater, entrou em *Poetics: A Ballet Brut, No Dice* (que passou pelo alantara festival em 2008) e *Rambo Solo*. Trabalhou com o Wooster Group e Richard Foreman e lançou dois álbuns de canções, sendo o mais recente *Athletes of Romance*.

www.zacharyoberzan.com



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Próximo espectáculo

CLOUD work-in-progress

Ciclo Vinte e sete sentidos

Organização: Granular

Instalação / Performance

Qua 14 Setembro

Sala 2 · 18h30 · Duração: 40 min · M12



'Field recordings' e difusão electroacústica Marc Behrens

Sobre o ciclo

No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se em 1919 aos "vinte e sete sentidos" da sensorialidade – se tal pareceu então o delírio de um visionário, é finalmente uma realidade neste tempo de derrube das fronteiras entre as artes.

Já não há nichos criativos, apenas diferentes campos de acção artística que cada vez mais se encontram e se entrecruzam.

Integrando os mundos do som, da imagem e/ou do movimento, e adoptando em simultâneo os formatos de instalação e de *performance*, a série "Vinte e sete sentidos" abre as portas da percepção e da sinestesia.

CLOUD work-in-progress

CLOUD é um *work-in-progress* que sofreu várias mudanças antes mesmo de ser revelado ao público. E o mais natural é que mais algumas aconteçam durante a sua apresentação e depois. O seu

ponto de origem está no cruzamento de várias ideias, como um entendimento surrealista do espaço de actuação e do factor "entretenimento" e a possibilidade de a audiência se mover durante a *performance*, tendo em conta que um erro na escrita de "cloud" (nuvem) pode tornar a palavra em "could", uma potencialidade. A nuvem é uma entidade modular de processamento da informação, mas também o suporte em que se imagina a existência de seres sobrenaturais.

Os materiais de CLOUD são organizados segundo micro-histórias, contadas por registos áudio até agora mantidos secretos, realizados durante um longo período em vários continentes, mas sempre no mesmo tipo de localização, esbatendo as definições que opõem público e privado, regular e excepcional, seguro e infiltrado. É a peça complementar de uma composição radiofónica conceptual intitulada CROWD e que terá a sua estreia em 2012.

Para mais informação, consultar marcbehrens.com

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos